

CICLO DE CINEMA,
CONVERSAS E CONFERÊNCIAS

13 DEZ 17:00



JEAN-MARIE STRAUB E DANIELE HUILLET RETROSPETIVA INTEGRAL

*A GUERRA DA ARGÉLIA !
O AQUÁRIO E A NAÇÃO
GENTE DO LAGO
A FRANÇA CONTRA OS ROBÔS*

SERRAVES
CASA DO CINEMA MANOEL DE OLIVEIRA

SESSÃO 24

13 DEZ, 17:00

Com apresentação de Pedro Crispim

LA GUERRE D'ALGÉRIE ! A GUERRA DA ARGÉLIA !, 2014

Realização e argumento: Jean-Marie Straub

Texto: *Inexploré*, no. 23 de Jean Sandretto

Direção de fotografia e montagem: Christophe Clavert

Direção de som: Dimitri Haulet e Jean-Pierre Laforce

Interpretação: Christophe Clavert e Dimitri Haulet

Produção: Belva GmbH e Andolfi

Cópia: HD, 4:3, cor, a exibir em formato DCP

Duração: 2 minutos

País: França / Suíça

Estreia: Festival de Cinema de Viena, 26 de novembro de 2014

L'AQUARIUM ET LA NATION O AQUÁRIO E A NAÇÃO, 2015

Realização e argumento: Jean-Marie Straub

Texto: Romance *Les Noyers de l'Altenburg* de André Malraux

Direção de fotografia e montagem: Christophe Clavert

Direção de som: Dimitri Haulet, Jean-Pierre Laforce e Gaël Blondet

Interpretação: Aimé Agnel e Christiane Veschambre

Produtores: Barbara Ulrich e Arnaud Dommeric

Produção: Belva GmbH e Andolfi

Cópia: HD, 4:3, cor/preto e branco, a exibir em formato DCP

Duração: 32 minutos

País: França / Suíça

Estreia: Festival de Cinema de Viena, 30 de outubro de 2015

GENS DU LAC GENTE DO LAGO, 2018

Realização e argumento: Jean-Marie Straub

Texto: *Gens du Lac* de Janine Massard

Direção de fotografia: Renato Berta

Montagem: Christophe Clavert

Direção de som: Jean-Pierre Duret

Interpretação: Christophe Clavert e Giorgio Passerone

Produção: Belva GmbH

Cópia: HD, 4:3, cor, a exibir em formato DCP

Duração: 17 minutos

País: Suíça

Estreia: Suíça, 8 de janeiro de 2018

LA FRANCE CONTRE LES ROBOTS A FRANÇA CONTRA OS ROBOS, 2020

Realização e argumento: Jean-Marie Straub

Texto: *La France contre les robots* de Georges Bernanos

Direção de fotografia: Renato Berta e Patrick Tresch

Montagem: Christophe Clavert

Interpretação: Christophe Clavert

Produtores: Barbara Ulrich

Produtora: Belva GmbH

Cópia: HD, 4:3, cor, a exibir em formato DCP

Duração: 10 minutos

País: Suíça

Estreia: França, 5 de abril de 2020

Já muito se disse e escreveu acerca das obras que fecham o percurso de artistas, independentemente das disciplinas a que se dedicaram: pintura, escultura, literatura, música, arquitetura. Em qualquer uma destas áreas, esse é também o caso do cinema – e os exemplos são abundantes – e é comum referir-se uma tendência para a simplicidade e a depuração, orientação igualmente aplicável à fase final da obra fílmica de Jean-Marie Straub, muito concretamente a estas suas derradeiras curtas-metragens.

Não menos comum é ver nessas últimas obras uma súpula estético-temática do trabalho de um autor, sendo que também esta observação é aplicável ao caso Straub. Os seus filmes incluem, no entanto, uma outra dimensão que nem sempre se verifica quando, consciente ou inconscientemente, os cineastas efetuam o seu último gesto cinematográfico: Straub não faz, nos seus últimos filmes, um mero sumário do seu percurso nem um legado testamentário do seu projeto cinematográfico, mas aponta, com ele, um horizonte para outros perseguirem e superarem.

Nesta dupla modalidade, é notável o modo como Straub apresenta muitos dos elementos de fundo que caracterizam a sua prática cinematográfica: a autorreferencialidade (nomeadamente, a sua relação com a guerra da Argélia, no filme homónimo), a citação (quando repesca, novamente, um excerto de Jean Renoir em *O Aquário e a Nação*), a simbiose entre lugar e política (o Lago Lemano em *Gente do Lago*) ou uma brutal desconfiança relativamente ao “progresso” (alicerçada no texto de Bernanos em *A França contra os robôs*).

Straub apresenta-nos, assim, um conjunto de reflexões sobre alguns dos temas que

animaram a sua filmografia, fazendo-o com um outro gesto característico das obras de fim de ciclo: a célebre (e já referida) recusa do acessório, procura de simplicidade e concentração no essencial. Assistimos, portanto, a uma *decantação* estética do seu cinema, como se pretendesse separar o seu cinema de todas as impurezas – desde logo aquelas relacionadas com considerações estéticas.

A leitura e o recital continuam a ser formas privilegiadas que organizam a *mise-en-scène*, sendo que a insistência materialista (seja no que toca aos planos, à montagem ou à luz), sublinhada pelo recurso ao digital, surge aqui como uma opção clara e coerente. O formato digital foi, de resto, bem acolhido por Straub, e é muito curioso constatar que Straub e Huillet não podiam deixar de reconhecer as possibilidades da imagem digital, desde logo através da obra de Pedro Costa. Ainda assim, o entusiasmo de Straub com o digital justificou-se também pela facilidade de recolher imagens e sons, bem diferente das exigências logísticas e de produção exigidas pelo recurso à película. Para além dos critérios eminentemente práticos, um aspeto crucial que agradou a Straub foi a própria crueza do digital. Uma crueza quase *palpável*.

Essa questão é especialmente evidente em *A Guerra da Argélia !*, filme que, estruturalmente, pode ser visto como um *haiku* sobre o regresso do passado. Já os materiais para *O Aquário e a Nação* variam entre um longo plano do dito aquário, a leitura direta e desadornada do texto de André Malraux, a música de Joseph Haydn e o excerto de *La Marseillaise* (1938) de Jean Renoir, tudo isto organizado num alinhamento que sublinha a posição ética e política de Straub relativamente aos escorregadios conceitos de nação e patriotismo.

Não obstante toda a coerência, os seus dois filmes finais, *Gente do Lago* e *A França contra os robôs*, remetem porventura para um outro domínio: os quatro elementos, normalmente atribuídos ao pré-socrático Empédocles, figura fundamental para Straub e Huillet. A este respeito – e tendo em conta a importância que o cinema do casal atribui à da Natureza –, a Terra, enquanto elemento mais diretamente relacionado com o lugar e, no cinema do casal, objeto de um permanente questionamento, é curiosamente substituída por uma atenção particular ao elemento Água (matéria que se torna muito recorrente na fase final da sua obra).

Se a Terra tinha sido o lugar primordial para as “lições de história” de Straub e Huillet, de *Othon a Fortini / Cães*, de *Negro Pecado a Antígona*, a Água passa a ocupar uma importante parcela espacial do seu cinema. Provavelmente desde *Itinerário de Jean Bricard* (um dos primeiros filmes sem Danièle Huillet, ainda que conceptualizado por ambos), Straub dá forma a uma percepção líquida que se traduz nas imagens dos percursos aquáticos do rio Loire, e se prolonga em *A propósito de Veneza (Lições de História)*, culminando com *Gente do Lago* e *A França contra os robôs*, filmado junto ao Lago Lemano próximo do qual Straub viveu os últimos anos da sua vida.

Não menos importante será o facto de que esta aparentemente súbita atração aquática o aproxima ainda mais de Renoir – consideração que certamente agradaria a Straub –, mas também de toda a escola francesa da década de 1930 e de um novo “regime de movimento”, diferente do “desequilíbrio perpétuo” do movimento terrestre, através do qual Jean Vigo ou Jean Epstein criaram imagens que, como escreveu Gilles Deleuze, apresentavam

um “movimento que desloca o centro de gravidade”, que é próprio da natureza do movimento aquático ou líquido. Ao contrário desses autores, Straub não desafia a força elementar da Água; problematiza a sua transparência e sonda a profundidade como potencial de revelação: imagens inscritas pelas correntes da História em *A propósito de Veneza*, o palco da resistência ao nazismo em *Gente do Lago*, o último reduto da liberdade em *A França contra os robôs*.

Depois de referir as “dificuldades da França”, numa entrevista de 2019 aos *Cahiers du Cinéma*, e instado a desenvolver a questão, Jean-Luc Godard respondeu o seguinte: “É nadar em direção ao desconhecido. É misturar tudo o que for possível. É dizer coisas mesmo sem saber que se está a dizer coisas. Há pessoas que vêem coisas, mas, infelizmente, apenas escrevem livros ou fazem filmes. Nem eu nem o Straub somos feitos para revolucionar o mundo. Somos feitos para vermos certas coisas, mais nada. Para mim, Straub é um resíduo da escultura na sua intransigência, que acabamos por aceitar. Os filmes dele não são planos porque vemos que ele está constantemente a escavar. Da mesma maneira que Miguel Ângelo trabalhava o mármore, mesmo que este seja um exemplo demasiado grandioso. Os filmes dele sobre Cézanne ou Montaigne, ou o seu último filme *Gente do Lago* sobre um contrabandista de refugiados de Vaud que trazia refugiados ou soldados da resistência de Thonon e Lausanne, são mais do que respeitáveis, são até, por vezes, muito belos”.

Conceito de beleza que, para Straub, não corresponde certamente aos códigos majoritários que vulgarmente associamos ao termo, sobretudo se o

tomarmos em referência com modelos normativos da beleza no que às imagens cinematográficas diz respeito. Este final de carreira autoriza-nos, inclusivamente, a efetuar uma derradeira aproximação entre Straub e o primeiro cinema. Nos seus últimos filmes, Straub acerca-se, talvez mais do que nunca, do primeiro cinema (ou seja, de um cinema ainda não colonizado pela narrativa e mais preocupado em explorar potencialidades expressivas ou semânticas do que códigos de beleza). E efetivamente, Straub parece querer voltar ao início, voltar a esse cinema pré-colonizado talvez porque, convergindo neste ponto com Manoel de Oliveira, “o primeiro cinema era mais puro”.

Talvez seja oportuno evocar aqui uma célebre anedota proveniente da mitologia de Hollywood: conta-se que, no funeral de Ernst Lubitsch - curiosamente, um dos cineastas que Straub e Huillet mais admiravam - ocorreu um curto diálogo entre duas figuras de peso de Hollywood: William Wyler e Billy Wilder. Ao “Não há mais Lubitsch” proferido por Wyler, Wilder terá respondido “Pior, não há mais filmes do Lubitsch”. Mais do que o possível sentido moralizador ou humorístico desta história, podemos dizer que 2022 não trouxe apenas o desaparecimento de Straub; trouxe igualmente a impossibilidade de haver mais filmes de Straub. Esta é, porém, uma meia-verdade, porque o desaparecimento do autor não mata o seu cinema e, menos ainda, a *sobrevivência* desse cinema, seja na obra de outros autores, seja em todos aqueles que por ele se sentiram tocados; dir-se-ia, como Danièle Huillet, em todos aqueles a quem o seu cinema “resistiu”.

Pedro Crispim

PRÓXIMAS SESSÕES

7 JAN | DOM | 17H00

JEAN-MARIE STRAUB UND DANIÈLE HUILLET BEI DER ARBEIT AN EINEM FILM NACH FRANZ KAFKAS ROMANFRAGMENT AMERIKA JEAN-MARIE STRAUB E DANIÈLE HUILLET TRABALHAM NUM FILME BASEADO NO ROMANCE INACABADO AMÉRICA DE FRANZ KAFKA

Harun Farocki | FRG | 26 min. | 1983

FILMTIP: DER TOD DES EMPEDOKLES FILMTIP: A MORTE DE EMPÉDOCLES

Harun Farocki | FRG | 8 min. | 1987

VERTEIDIGUNG DER ZEIT A DEFESA DO TEMPO

Peter Nestler | GER | 24 min. | 2007

14 JAN | DOM | 17H00

WIE WILL ICH LUSTIG LACHEN COMO É QUE EU QUERO RIR DE FORMA ENGRAÇADA

Manfred Blank | FRG | 42 min. | 1984

L'INSISTENCE DU REGARD A PERSISTÊNCIA DA VISÃO

Manfred Blank | GER | 37 min. | 1993

www.serralves.pt

 /fundacao_serralves

 /fundacaoserralves

 /fundacaoserralves

 /serralves

Fundação de Serralves

Rua D. João de Castro, 210
4150-417 Porto – Portugal

serralves@serralves.pt

Linhas gerais:
(+351) 808 200 543
(+351) 226 156 500

Chamadas para a rede
fixa nacional.



Apoio institucional

